

**PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM / PPGEL – DOUTORADO - 2025**

**PROVA ESCRITA**

**LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS LITERÁRIOS**

CPF: \_\_\_\_\_

**ORIENTAÇÕES:**

1. A prova deve ser respondida com caneta esferográfica azul ou preta;
2. A prova é individual e sem consultar a qualquer material de apoio;
3. É vedada toda e qualquer forma de diálogo entre o/as candidato/as;
4. O/A candidato/a não deve se identificar na prova por meio de nome ou assinatura;
5. O/A candidato/a deve anotar o número do CPF em todas as folhas de resposta;
6. O/A candidato/a deve responder a todas as questões;
7. Conforme exposto no edital de seleção, A avaliação da prova escrita exigirá que o/a candidato/a demonstre: a) capacidade analítica; b) capacidade de síntese; c) coerência e coesão textual; d) consistência teórica; e) posicionamento crítico.

**VAGAS PARA CANDIDATO/AS COTISTAS:**

Antes de realizar a prova, marque no campo abaixo se você está inscrito/a para concorrer às vagas reservadas para candidato/as cotistas e identifique a que cota você está concorrendo:

( ) Sim. Qual: \_\_\_\_\_

( ) Não

**Questão 01 (valor: 5,0 pontos)**

No final de “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.” (Magia e técnica, arte e política), W. Benjamin destaca a antiga coordenação entre a alma, o olhar e a mão como característica essencial da prática narrativa artesanal, enquanto Paul Valéry reforça a profundidade quase mística do ato artístico. Veja-se:

**Excerto:** [...] Para esclarecer o significado dessa importante narrativa, não há melhor comentário que o trecho seguinte de Valéry, escrito num contexto completamente diferente. A observação do artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdem os seus nomes: sombras e claridades formam sistemas e problemas particulares que não dependem de nenhuma ciência, que não aludem a

nenhuma prática, mas que recebem toda sua existência e todo o seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo, e para as produzir”. A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito). A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão, que transparece nas palavras de Valéry, é típica do artesanato, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada. Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria - a vida humana - não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência - a sua e a dos outros - transformando-a num produto sólido, útil e único? Talvez se tenha uma noção mais clara desse processo através do provérbio, concebido como uma espécie de ideograma de uma narrativa. Podemos dizer que os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro. Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov como em Hauff, em Poe como em Stenvenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (Benjamin, 1994, p.220)

Levando em conta que Michel Foucault, em *A Ordem do Discurso*, investiga as condições e restrições impostas à narrativa pelas estruturas de poder e pelas regras discursivas, reflita sobre as transformações da narrativa na era digital. Elabore um texto que explore como a substituição do trabalho manual pelas tecnologias digitais reconfigura tanto o espaço da narrativa quanto o papel do narrador, à luz das reflexões de Benjamin sobre a prática artesanal do narrar e das de Foucault sobre o controle e a produção do discurso.

**Questão 02** (valor: 5,0 pontos)

A partir dos excertos abaixo, analise a relação literatura – sociedade – leitor/a nas perspectivas dos respectivos autores. De que forma(s) a recepção do público leitor pode influenciar o próprio conceito (potencialmente instável) de literatura? Pode uma obra literária contribuir para a emancipação do/as leitoras de suas ligações prévias com o mundo social? Como fatores e forças inerentes à sociedade podem afetar e mesmo condicionar ambas essas dinâmicas? (Obs. Outros textos teóricos / ficcionais podem ser

citados para embasar / complementar a resposta, desde que não haja desvio da questão proposta)

**Excerto 01:** Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literatura é extremamente instável. (Eagleton, 2001, p. 17)

**Excerto 02:** O abismo entre literatura e história, entre o acontecimento estético e o histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delineia em suas obras, mas quando, no curso da evolução literária, ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. (Jauss, 1994, p. 56)